

A crise histórica de Direção do Proletariado Internacional e as salvaguardas do capitalismo putrefato.

A traição da revolução Russa, o desenvolvimento do Stalinismo, os crimes deste; o rompimento com o poder dos Sovietes; o avanço da burguesia mundial em termos ideológicos, como consequência da traição e do Stalinismo e a volta dos países de Estado Operários degenerados ao capitalismo; a desorganização das fileiras Marxistas no movimento operário, com capitulações, revisões e reprodução de seitas e de frentes populares, o predomínio da democracia formal mesmo no Movimento e Organizações intitulado de “Marxista”. O avanço da crise de superprodução capitalista e a decadência total deste regime da apropriação individual da produção social, consequência da propriedade privada dos meios de produção tem levado a humanidade teleguiada pela burguesia mundial capitalista em sua fase imperialista a criar condições políticas e mesmo material no sentido da convivência “não pacífica” com a barbárie. As conquistas históricas do proletariado Internacional se vêem trocadas pela escravidão capitalista, sua total decadência e em sua fase de barbárie.

Assistimos por um lado à burguesia mundial golpear os direitos históricos, os serviços públicos, rebaixar os salários e o nível de vida das massas a níveis nunca visto; o desemprego crônico virou sinônimo da informalidade, dos bicos, da mendicância, da prostituição dos menores pela mais potente violência aos mínimos direitos ao desenvolvimento social. Os Direitos Históricos fora trocados mesmo, pela violência (escravidão na barbárie capitalista) e pelo antídoto do próprio regime, a caridade, solidariedade e benevolência capitalista. Os esteios da “civilização” em que deu continuidade e conduziu o regime capitalista continuam intactos: A “democracia”, a ditadura do capital, a militarização do planeta, seus exércitos e com cada vez mais polícia e polícia. Guardas e guardas, na “legalidade” e no fascismo. O culto aos mitos transportando e secularizando culturas, heróis, deuses; as leis, os parlamentos e o regime de representação tornam possível mesmo que totalmente em equilíbrio precário à manutenção deste regime em decomposição que de guerra em guerra, de retirada de direitos e de aniquilamento e

destruição de forças produtivas vão dando respiração artificial à barbárie capitalista.

O transcendental apoio e divisor de águas na manutenção deste regime decadente que se somam de forma particularizada às superestruturas da classe dominante são os partidos políticos, tantos os liberadamente burgueses e principalmente os pequenos burgueses, travestidos de socialistas, de poder popular, democrático, antiimperialistas, de participação popular, das maiorias, das minorias, dos sindicalistas, dos irmãos, da ordem, dos nacionalistas, dos libertários, dos trabalhadores, do Movimento ao Socialismo, etc. e etc.

O transcendental divisor de águas que mantêm este regime em total decadência, porém respirando a custo de sangue, da violência absoluta, da fome e da miséria é a ausência de um genuíno Partido Operário Marxista, regido pela Democracia Operária (Centralismo Democrático) com direito a fração e tendências internas), um partido programa, programa que reflita os interesses históricos do proletariado mundial.

Na ausência desta ferramenta histórica vimos a burguesia utilizar-se de todas as gamas de Partidos assentado no Movimento operário, camponês e popular no sentido de conter a explosão das massas, de domesticar o Movimento, enquadrá-los na ordem burguesa, de desviá-lo de sua missão histórica. A burguesia tem se utilizado destes partidos com o apoio da Santa Madre Igreja, recorrendo e tolerando com maior frequência mesmo as frentes populares e ainda com maior descompasso, os bonapartistas nacionalistas, como Chaves, ou com negociações/pressões e embargos como o caso de Fidel Castro que esperneia com seu socialismo em um só país (Stalinismo) e a abertura da economia para os capitais imperialistas. Do PT brasileiro, que através do governo corrupto de frente popular de Lula/PT tem a burguesia mundial se servido ao ponto de não se titubear em apoiá-lo em preferência aos outros candidatos também burgueses e imperialistas que almejam a disputa das próximas eleições. A sustentação da política imperialista dos Sindicatos Operários e do Movimento camponês e popular é exatamente o

que busca o regime capitalista na sua fase imperialista e na sua agonia. Podemos ver claramente na Bolívia com Evo Morales de como se utilizou a burguesia de uma organização poli-classista e de um caudilho nacionalista burguês para conter e golpear o Movimento de massas. Para golpear as massas nas ruas em armas, para golpear os Sovietes (nos cabildes e Assembléias Populares).

Analisamos um pouco o que pretende e promete este caudilho boliviano que se tornou moda na Bolívia para conter o incansável Movimento Operário, camponês e popular boliviano.

Antes de nos ater aos aspectos programáticos de Evo Morales cabe ressaltar que desde 1952 desenvolveu-se na Bolívia a organização de um Partido (POR) que pretendeu representar o Trotskismo, que elegeu com estratégia apesar da defesa constante da Ditadura do Proletariado uma variante de frente popular sob uma visão esquerdista representada pela Frente Revolucionária Antiimperialista, se assentou totalmente na pequena burguesia das

idades, apesar da defesa da ditadura do proletariado e da política desta com a supremacia do Movimento Operário. Assim como o Stalinismo usou do método da calúnia para desmoralizar e impor a política e disciplinar o Partido à personalidade do dirigente máximo. Analisavam os Poristas, que na Bolívia as massas tinham esgotado as ilusões eleitorais, que a Bolívia tinha-se Trotskizado. Com toda a efervescência do Movimento Operário e Camponês boliviano que já por várias vezes se colocaram na dianteira da situação política em verdadeiras situações revolucionárias, porém, apesar de contradizer o POR sem a presença do Partido Marxista, uma vez que, a estratégia deste foi cambiada para uma variante de frente popular a FRA exatamente ao contrário do consignado nas Teses do Oriente (IV Congresso da III Internacional). De instrumento de separação e desmascaramento do nacionalismo e do Stalinismo deram a estas, instrumento de vossa ascensão e manobra a favor da burguesia.

Segundo dados oficiais da Bolívia, 84% da população inscrita para votar compareceram às urnas em que elegeram a Evo Morales.

O programa da Revolução Bolivariana de Evo Morales:

Uma Assembléia Constituinte para unir aos bolivianos, uma Assembléia Constituinte a onde se represente as diversidades.

Paralelamente à Constituinte garantir o Referendo sobre a autonomia. Queremos autonomia aos povos indígenas.

Porém, queremos autonomia com solidariedade, autonomia com reciprocidade, autonomia que restitua as riquezas, autonomia para os povos indígenas, para as províncias, para as regiões. Buscamos isto e só conseguiremos unindo a Bolívia e isso mediante a Assembléia Constituinte.

Quem será esta Assembléia Constituinte? Estou convencido: Se este novo parlamento que é produto das lutas sociais responde ao povo boliviano, este parlamento será o exército da libertação nacional; este parlamento será o exército da luta pela segunda independência. Se isto não ocorrer, seguirá nas mãos dos movimentos sociais, do movimento indígena que seguirá lutando por essa segunda independência de nosso país.

Que bom seria, com a presença da comunidade internacional, dos organismos internacionais, de nossos presidentes presentes e não presentes refundarmos a Bolívia, como disse na Espanha, um novo pacto social. Temos que chegar a isso e o conseguiremos através da Assembléia Constituinte.

Não queremos ser um Estado mendigo, lamentavelmente nos converteram em mendigos; não queremos que Bolívia e seu governo, sua equipe econômica viva de pedir esmolas aos Estados Unidos, Europa e Ásia. Queremos que isto termine e para que termine estamos obrigados a nacionalizar nossos recursos naturais. O novo regime econômico de nossa Bolívia deve ser fundamentalmente calcado nos recursos naturais e isso se dará na Assembléia Constituinte.

Não somente Nacionalizar por nacionalizar. Seja o Gás natural, petróleo ou mineral florestal, más sim temos a obrigação de industrializá-los.

Por isso temos um desafio, um desejo, uma proposta para todos, sejam militantes do

MAS ou não. Se somos desta terra, desta pátria, de nossa Bolívia, temos a obrigação de industrializar todos nossos recursos naturais, para assim sairmos da pobreza.

Irmãos bolivianos, estimados parlamentares e todas as instituições e movimentos sociais, nesta primeira etapa iremos aplicar uma forte política de austeridade. Não é possível que o salário básico seja 450 bolivianos e os parlamentares que ganham mais de 20.000 bolivianos, não é justo que o presidente ganhe 27.000 bolivianos e o salário básico seja 450 bolivianos. Por uma questão moral, por nosso país somos obrigados a rebaixar em 50% o nosso salário.

Travaremos uma dura luta contra a corrupção e os caixas dois.

Também quero dizer estimados congressistas de como mudar a política sobre a terra. Quero dizer-lhes que terras produtivas que estão produzindo e prestam uma função social econômica serão respeitadas. Se 1.000 hectares, 2.000 hectares, 3.000 ou 5.000 hectares. Porém, se estas terras que só servem para valorizar e negociar, essas iremos reverter para o Estado para redistribuir a terra à gente que não tem terra.

Seria melhor se antes se reverta estas terras por Lei ou por decreto, mediante o diálogo, esses que adquiriram terras improdutivas seria melhor devolvê-las ao Estado mediante o diálogo e desta maneira resolver estes problemas de terra.

Acabarmos com o analfabetismo.

Saudamos os pré-acordos com o governo Cubano, saudamos os pré-acordos com o governo de Venezuela, dispostos a nos ajudar com técnicos para assim pormos fim ao analfabetismo.

Construção de estradas de ligação e asfaltamento das estradas existentes.

Política de financiamento e de desenvolvimento dos micros e pequena empresa. Criação de um Banco de fomento para o desenvolvimento do povo boliviano, apoiar as empresas comunitárias, apoiar as Cooperativas, Associações dos micros e pequenas empresas.

Queremos dizer a Comunidade Internacional que a droga, a cocaína e o narcotráfico não são a cultura andina amazônica. Lamentavelmente este mal nós temos importado e temos que acabar com o narcotráfico, temos que acabar com a cocaína, não a coca zero e sim apostemos na cocaína zero, narcotráfico zero.

Queremos fazer um acordo para acabar com o narcotráfico.

Sabemos e estamos convencidos que o narcotráfico é um mal para a humanidade, porém que a luta contra o narcotráfico, que é a luta contra as drogas, que a cocaína não seja um motivo para que o governo dos Estados Unidos domine e submetam nossos povos. Queremos diálogo de verdade sem submetimento, sem chantagens e sem condicionamentos.

Queremos refundar o COMIBOL para reativar as minas em nosso país.

Nesse processo de mudança quero solicitar a comunidade Internacional que reflitam sobre a dívida externa. Com segurança os povos indígenas não são responsáveis pelo semelhante endividamento e sim resultados para os povos indígenas, isso não significa desconhecer essa dívida externa, porém é importante que também a comunidade internacional veja com responsabilidade, com seriedade e pedimos com todo respeito a condenação desta dívida externa que tem feito tanto mal e causado a dependência de nosso país.

A Bolívia necessita de sócios, não donos de nossos recursos naturais. Em nosso governo com segurança como temos dito, fará inversão pública, quero dizer empresas do Estado, seja em América, seja na Europa, ou na Ásia. Também faremos inversão privada, sócios do Estado, sócios de nossas empresas. Vamos garantir esta inversão, porém, garantiremos também que as empresas tenham todo o direito de recuperar o que investiu e ter o direito a taxa de ganância, só queremos que essa taxa de ganância seja com princípios de equilíbrio, que o Estado, o povo se beneficie destes recursos naturais.

É importante discutir e analisar profundamente estas políticas de comércio que estão vigentes seja a ALCA, a CAN, MERCOSUL ou TLC, temos que discutir se são mercados para os micros e pequenos empresários, se temos mercado para o que nos produzimos, empresas comunitárias ou Associações, Cooperativas, e se garantem este mercado, bem-vindo, porque se trata de garantir evidentemente mercados para os pobres, para essas organizações.

Como vemos, trata-se de um programa reformista na época que estas reformas não são mais possíveis, que semeia ilusões de desenvolvimento econômico, de que os imperialistas tenham compaixão, que os

latifundiários irão devolver as terras “improdutivas”, que nacionalizará os recursos naturais, que todos terão a autonomia e que tudo será resolvido em uma Assembléia Nacional Constituinte.

A única diferença real que tem este governo é o caráter dualista de sua composição social (frente popular) que assim como o governo Lula poderá ir fundo nas reformas do interesse do imperialismo uma vez que conta com a complacência das organizações operárias e camponesas.

Um grande dilema: Logo após a posse o dirigente dos cocaleiros já se lembrou dos acordos realizados pelo governo anterior, deve ser cumprido. As soluções estão em estudos. Tudo dependerá da Assembléia Constituinte.

A história dos governos de frente populares é conhecida, temos no Brasil um governo de frente popular totalmente imperialista, que o imperialismo não abre mão de sua reeleição. Que conta ainda, apesar de toda denúncia de corrupção com grandes chances de reeleição. Será que na Bolívia terá êxito em manobrar totalmente em favor do imperialismo? O Movimento operário e camponês boliviano não está Trotskizado, muito menos as ilusões no processo eleitoral fora esgotada. Mas será que após tantos conflitos e levantes de massa os

operários e camponeses bolivianos ficarão presos a uma política de conciliação de classe por muito tempo?

Qual o novo campo de manobra da burguesia, caso as massas venham a se rebelar contra Evo Morales?

Como comportarão o imperialismo e suas ordens às casernas?

Até que ponto irá o nacionalismo bolivariano de Chaves, Evo Morales e a política de Castro nesta nova conjuntura Americana?

Infelizmente grande parte dos que reivindicam do Marxismo e do Trotskismo estão de braços dados com esta política de contenção das lutas independente e revolucionária das massas e tem papel importante como reprodutor deste anti-imperialismo, o Fórum Social Mundial. Um mundo novo é possível. Realmente só com a construção do Partido Mundial da Revolução Proletária. Partido programa que expresse os interesses históricos do proletariado Internacional. Um Partido que libere as massas para o governo dos Sovietes, da cidade e do campo. Desenvolvimento econômico será possível. Com a expropriação da burguesia e sua propriedade privada dos meios de produção, com a apropriação coletiva da produção social.

Artigo extraído de DEMOCRACIA OBREIRA Nº12 Kirchner pagou ao FMI com um novo roubo ao salário e o saque da nação

Com mais inflação, desocupação e trabalho escravo:

Preparam um novo ataque aos trabalhadores e ao povo!

A burocracia sindical e piqueteira submeteram os trabalhadores ao governo servente de Bush. A esquerda do regime dividiu aos que lutam. Para estar à altura do ataque dos exploradores: a coordenar o combate dos EUA e América Latina e há que por em pé uma nova direção revolucionária internacionalista da classe operária argentina.

Desde que assumiu, Kirchner pagou a dívida ao FMI religiosamente, da mesma maneira que antes o havia feito Eduardo Duhalde. Considerando o FMI como “credor privilegiado”, Kirchner não só não realizou nenhuma quitação sobre o montante da dívida,

senão que ademais o pagou em bilhetes constantes e sonantes. Assim, entre Duhalde e Kirchner pagaram ao FMI 23.530 milhões de dólares (14.000 milhões de dólares entre 2002 e 2005, e 9.530 milhões de dólares que acaba de pagar Kirchner em janeiro de 2006 cancelando antecipadamente a dívida com o FMI, seguindo assim os passos do presidente do Brasil, seu amigo Lula, outro servente de Bush e do FMI).

Fiel a seu costume de por o piscador à esquerda para girar a direita, Kirchner apresentou o cancelamento antecipado da dívida com o FMI como um ato de “independência” da nação a respeito do imperialismo.

Kirchner terminou pagando a dívida ao FMI com o sangue do povo. Porque o dinheiro para pagar o FMI não caiu do céu. Saiu da super exploração do movimento operário e o descomunal roubo do salário com a deflação e a inflação. O pagamento ao FMI está baseado –

igual ao que o ciclo de crescimento econômico que já leva três anos consecutivos – em que 70% da classe operária ganham menos de \$800 trabalhando em condições de escravidão, com 40% dos trabalhadores com trabalho informal (4 milhões e meio de trabalhadores sem direitos laborais, sem receber salário familiar, nem gratificação natalina ou férias, e sem receber indenização se são demitidos), enquanto que ao mesmo tempo, se mantém um enorme exército industrial de reserva de milhões de trabalhadores desocupados que permanentemente entram e saem da produção sendo utilizados pela patronal para pressionar a queda do salário operário.

O pagamento do FMI foi possível graças a manutenção de 42% da população que trabalha ou está em condições de trabalhar (quase 6,4

milhões de pessoas) na indigência, com um salário que não lhes permite comprar alimentos básicos para uma família típica. Está baseado no que o imperialismo, os monopólios ou seus sócios menores da burguesia nacional levam a parte do leão do crescimento econômico, no qual 20% mais rico ficam com 53,1% dos ingressos e 40% mais pobre, apenas 12%. Está baseado na destruição da escola pública e na demolição da saúde pública, com os hospitais que se caem, sem insumos, com seus trabalhadores trabalhando como escravos por um salário miserável e sendo acusados de “terroristas” quando saem a reclamar seus direitos como fez o governo de Garrahan. Se isto não é pagar a dívida com o sangue do povo, o que é?

Com a mini-desvalorização que se seguiu o pagamento ao FMI e a inflação consumam um novo roubo ao salário dos trabalhadores

Após o pagamento ao FMI o dólar aumentou de \$2,85 a \$3,07. Com esta mini-deflação o governo tem consumado um novo roubo ao salário dos trabalhadores que se soma ao realizado com a desvalorização feita por Duhalde e a inflação acumulada desde então, até agora. De acordo com os dados do INDEC, “pela forte alta que registrou os preços dos alimentos básicos desde fins de 2001, na atualidade uma família típica pode comprar em média, o equivalente a duas cestas básicas de alimentos. Em contra partida em dezembro de 2001, antes da desvalorização, podia comprar três”. (Clarín, 12/01/2006).

A patronal e o governo Kirchner, depois de roubar o salário dos trabalhadores para pagar o FMI, jogam a culpa da inflação nos aumentos salariais arrancados pelos trabalhadores com luta, com o argumento de que os maiores salários aumentariam o consumo e então a maior demanda impulsionaria a subida de preços. Mentira! Desde a deflação do peso em 2002, os custos laborais do setor privado abaixaram 9,2% em média e nos ramos de produção de bens, em média o custo laboral real é uns 37% inferior do mês prévio a deflação de 2002. Desde este ano até hoje os ingressos dos trabalhadores

empregados aumentaram uns 32% e os alimentos básicos mais de 100%. Isto equivale a que o salário médio dos trabalhadores empregados sob convênio que são uma minoria da classe trabalhadora, se reduza em uma terceira parte. Sem falar dos mais de 7 milhões de trabalhadores informais, sub-ocupados e desocupados.

Voltamos a dizer: Mentira! Não são os salários os causadores da alta dos preços, porque os maiores consumidores não são os trabalhadores. São os burgueses com suas empresas os maiores consumidores de eletricidade, gás, insumos, maquinarias, matérias primas, etc. Mentira! São os super-lucros dos capitalistas que geram inflação. Porque para garantir seus super-lucros, os burgueses mantêm o dólar alto para que lhes permita exportar de maneira competitiva no mercado mundial e, ao mesmo tempo, transferem ao mercado interno os preços internacionais em dólares das mercadorias. Assim a patronal faz um negócio redondo: cobram em dólares quando exportam cobra em dólar o que vendem no mercado interno, enquanto que produzem pagando salários miseráveis em pesos.

Um novo ataque à classe operária para manter o ciclo de crescimento econômico e pagar ao FMI

Por trás do pagamento ao FMI vem um novo ataque contra a classe operária para manter o ciclo de crescimento econômico que tende a desacelerar se, porque na maioria dos setores

industriais a utilização da capacidade instalada já tem alcançado em sua grande maioria seu teto, pois toda a maquinaria utilizada está funcionando a pleno e começa a desgastar-se.

Assim reconhece a própria burguesia: “É impossível pensar que a economia pode continuar expandindo-se ao ritmo dos últimos anos se a capacidade produtiva não expande ao mesmo ritmo” (Clarín, 15/01/2005). E já sabemos que a patronal para inverter com novas máquinas e ampliar suas plantas exige “seguridade jurídica”; “paz social”; “salários congelados” e etc. Isto nem mais nem menos é o que vem garantir o governo de Kirchner com o apoio dos guarda cárceres do movimento operário da burocracia sindical e piqueteira.

Por outro lado o motor deste ataque que não fará mais que aprofundar-se, não é outro que o

A burocracia sindical e piqueteira dividiram as lutas, submeteram os trabalhadores ao plano burguês e foram os garantidores deste novo roubo ao povo.

Este plano se impôs não sem grandes e duríssimas lutas dos trabalhadores argentinos, como a de telefônicos, aeronáuticos, subterrâneos e Garrahan, que foram a ponta de lança de sucessivas jornadas de lutas que puseram em questão o pacto social com o que a burocracia sindical em paritárias juntas regulará o salário, entregará as conquistas operárias e deixará fora das mesmas a amplíssima maioria dos trabalhadores argentinos. Aqui e ali por fábrica e setores de nossa classe se intento entrar ao combate.

O que se escapa ao controle da burocracia, verdadeiros guardas cárceres do proletariado argentino, foi controlado, desviado e dividido pela esquerda do regime.

A reivindicação de \$1800 para todos, que colocou como moção à heróica luta dos trabalhadores de Garrahan, não foi a primeira reivindicação para colocar em pé uma poderosa coordenação que unirá aos que entravam na luta para enfrentar a burocracia sindical pelega e ao pacto social. A esquerda reformista impediu, aqui e ali, submeteu à vanguarda lutadora as diretivas da CTA e seus bons auspícios como o Ministério do Trabalho e Ação Social. Dividido e isolado o movimento piqueteiro combativo

A “Contracumbre” de Lula, Chaves, Evo Morales e Kirchner, com o apoio da burocracia restauracionista cubana foi o grande triunfo do governo para culminar a entrega ao FMI.

“Lutamos como os quatro mosqueteiros” proclamava Chaves logo da “Contracumbre” de dezembro em Mar del Plata.

O quinto mosqueteiro Evo Morales, eleito presidente da Bolívia, resultou ser D’artagnan, viajando a Espanha, França, China, entrevistando-se com a burguesia fascista de

de produzir os bens com uma ampla massa de mais valia e ganância arrancada pelos exploradores, que permitam colocar no mercado capitalista a produção e arrancar a mais valia, que compense a enorme emissão de pesos sem respaldo com os que se comprarão os 9.500 milhões de dólares pagos ao FMI. Se não lograr a inflação instalará nas mãos como uma bomba, que as ridículas e fantoches reuniões do governo com os patrões para fixar preços fictícios nos supermercados já não podem ocultar.

perdeu o controle das ruas, no entanto, a burocracia piqueteira colocava seus homens diretamente no governo como cúmplices da entrega da nação e da exploração dos trabalhadores. Em mãos da esquerda reformista e com um programa de “socialismo de mercado”; de “micro-empresendimentos”; de repartir esmolas e miséria, o vigoroso movimento piqueteiro que lutava nas ruas de Cutral-Có e Moscomi por trabalho digno para todos, perdeu todo seu vigor. O movimento das fábricas recuperadas transformou-se em um movimento de auto-exploração dos trabalhadores, com fábricas endividadadas com os bancos, com concessões com tempo limitado, questões estas com as que dia a dia perigarão essas conquistas. Todas as direções das mesmas foram levadas a Venezuela, ali se terminou de instruir ao cooperativismo de mercado para que no futuro se converta em novas maquiladoras de operários auto-explorados e escravizados por eles mesmos.

Assim, com seus agentes dividindo e encharcando a classe operária, o governo de Kirchner e a grande patronal escravista lhe pagaram ao imperialismo uma dívida ilegítima e acumularam enormes ganâncias.

Santa Cruz para jurar lealdade a propriedade privada e as ganâncias dos monopólios dos hidrocarburos em Bolívia, garantindo aos mesmos as superganâncias do saque de uma das maiores reservas do mundo de manganês e mineral de ferro descobertas em Mutún.

Lula e Kirchner... os outros mosqueteiros de Bush pagaram ao FMI suas dívidas.

Tabaré Vázquez com o apoio do PC Uruguai e Tupamaros, faziam ver ao operativo UMITAS com a armada assassina yanqui. No entanto, com o auspício de todos, se apoiava ao “social democrata” Bachelet, agente da Concentração do regime pinochetista. A representante do governo da Concentração, os serventes de Bush e TLC, os maiores repressores, entregadores da classe operária e de nossas nações oprimidas na América Latina, como o Chile. Por suposto que não podia faltar o apoio a Bachelet, a representante do regime cívico militar chileno, o Partido Comunista e sua política de “nova esquerda” expressada em o Podemos.

Chaves e Fidel Castro, com o apoio de todos os liquidadores do movimento trotskista latino-americano, sustentam a estes governos e regimes pró - imperialistas, travestidos com “roupagem esquerdistas”, como são os governos do Fórum Social Mundial, essa cova de bandidos contra-revolucionários garantidos por “esquerda” das ganâncias das transnacionais, dos monopólios e dos negócios das burguesias nativas.

O P-Sol do Brasil capitaliza por “esquerda” o ódio e a ruptura de centenas de milhares de trabalhadores com o PT e da garantia de estabilidade ao regime de pacto social neste país. Este partido monitorado desde Paris pelos ex trotskistas do Secretariado Unificado, hoje convertidos em assessores das empresas imperialistas francesas, estão resguardando os interesses da Totalfina, a petroleira dessa potência imperialista que controlam 70% das ações da Petrobrás com fortes inversões com as que saqueiam os hidrocarburos da nação Boliviana. A LIT e seu partido mãe o PSTU do Brasil exigem de Chaves que haja socialismo? Que é o mesmo que dizer para que a burguesia se exproprie a si mesma e entregue suas ganâncias. Quando na realidade o que deveriam fazer é chamar a classe operária venezuelana para que rompa sua subordinação com sua própria burguesia nativa sentada em uma montanha de petro-dólares baseada em vender petróleo para a burguesia imperialista yanqui, com a qual alimenta a maquinaria de guerra genocida yanqui que massacra no Iraque.

Já vimos na Argentina todos os renegados submetendo a vanguarda operária combativa à CTA e lutando abraçado ao partido para impedir toda coordenação centralizada das lutas. E o que é mais grave, deixando isolada a única

alternativa para as massas latino-americanas que não é outra que a luta pelo triunfo da revolução operária e campesina na Bolívia. Ai está o Partido Operário que orgulhoso chamou a votar em Evo Morales e no MAS e que em sua imprensa internacional saúda “a insurreição pelas urnas” que lhes deram o triunfo ao “companheiro” Evo Morales. ... quem dias depois lhes dizia aos patrões fascistas de Santa Cruz que eles deveriam ser os que lhes ensinassem a governar porque ele vai se ocupar dos pobres. Que cinismo consciente e servilismo dos renegados do marxismo ante aos novos governos pró - imperialistas que defendem os interesses das burguesias nativas e sua parte nos negócios.

Todos os grupos morenistas que cindiram nos anos 90, hoje, junto aos dejetos do stalinismo e a figurões burgueses democratas cristãos como Mario Cafiero, tem convocado um encontro da “nova esquerda” autodenominada “Auto-convocados para o Socialismo”. Os morenistas de hoje, dirigidos pelos mandelistas do Brasil do P-SOL e monitorados pela Totalfina Francesa, agrupam suas forças para conter pela esquerda a próxima crise e o desmascaramento diante das grandes massas deste governo capacho de Kirchner. Com o intento de reeditar o inservível para a classe operária o MAS dos 90, porém desta vez debaixo da disciplina de Chaves, Fidel Castro e a Totalfina. E a esta velha política menchevique social democrata e reformista, que borra a linha de sangue que existe entre reforma e revolução e a chamam pomposamente da política da “Nova Esquerda”. Há que ter a cara muito dura para reeditar hoje, dirigidos pelo P-SOL do Brasil, monitorizados pela LCR, agentes diretos da V República francesa, as correntes que levaram ao fracasso e a desmoralização a gerações inteiras de jovens e operários de vanguarda na Argentina. Os morenistas convertidos em mandelistas e pablistas senis pretendem todos juntos colocarem em pé o “partido da Nova Esquerda”, porque separados tal qual limões exprimidos, venham a por todas suas forças para sustentar ao regime infame na Argentina duramente golpeado pela luta revolucionária das massas de 2001-2002.

Em última instância, todos estão debaixo das ordens dessa cova de bandidos que é o Fórum Social Mundial que hoje se encontra na cabeça dos governos da América Latina, tanto os que estão na TLC como os que estão no Mercosul dos monopólios e as burguesias nativas.

Assim, com este andaime de contenção e contra-revolucionário, se abriu este novo momento na América Latina e em Argentina marcado pelo intento decisivo de expropriar a luta revolucionária das massas que na Argentina, Equador e na Bolívia revolucionária, golpeara ao mesmo tempo quem o fizera o craque econômico e a catástrofe que se seguiu sobre nossos povos em princípios do ano 2000 e 2001. Porém, toda esta política de colaboração de classes, que na realidade é a expropriação da luta antiimperialista e política dos explorados de nosso continente, persegue um objetivo: o de subordinar aos explorados à seus exploradores para que estes sigam saqueando nossas nações e explorando aos trabalhadores.

Porque logo da Cúpula das Américas e sua “Contra-cúpula”, em Argentina e Brasil o FMI cobrou com classe uma dívida fraudulenta e

espúria. Não falam mais em monitoria? Gritam os lacaios dos stalinistas e castristas assessores de Kirchner. Porém, o maior monitoramento é o que faz a Repsol, os banqueiros, a Techint e a grande patronal escravista com seus próprios governos!

É o que sobra para os trabalhadores de nosso país? Infração, carestia da vida, desocupação e o pior mal de todos: acabaram frustrados os desejos de franjas do proletariado que aqui e ali propuseram romper ao cerco dos traidores da burocracia sindical, de agrupar suas fileiras e de preparar a classe operária para um combate decisivo por recuperar o perdido e frear o novo ataque contra o salário e o saque da nação que não diminuiu, pelo contrário, se aprofundaram nas mãos destes governos serventes das distintas potências imperialistas, e de Kirchner em particular.

Nosso combate na Argentina: Haveremos de por em pé uma nova Direção Revolucionária Internacionalista para triunfar

Novas e velhas gerações de operários avançados não podem ser levadas novamente pelos que já abandonaram abertamente toda política de independência de classe e de luta pela revolução proletária, aos pés das burguesias nativas, de seus “militares patriotas” e a subordinação com os novos regimes de colaboração de classes da região. Não pode haver um só operário revolucionário que siga a Altamira e a direção do Partido Obreiro em seus passos de apoiar a Evo Morales e a coalizão de governo operário burguês que se imponha em Bolívia para estrangular a revolução de operários e camponeses. Centenas de trabalhadores que lutam pela independência de classe, não podem dar um dia mais de suas forças para seguir as direções que tem passado ao campo do inimigo e hoje chamam a classe operária a submeter ao Chaves e aos Kirchner, a Bachelet, aos Morales, direta ou indiretamente. Aqui não valerá o “não me dei conta”. A trágica experiência e servilismo ao regime do MAS dos anos 80 e 90, já demonstrou sua total caducidade na história. Voltaram atrás em seus passos, porém, desta vez com passos agigantados para a traição e a colaboração de classes não contribuindo para nenhuma solução às atuais lutas dos trabalhadores e aos combates duríssimos que estão por vir.

Com o governo de Bush que expôs seus dentes contra a heróica resistência no Iraque e com o

despertar da heróica classe operária norteamericana. Com os golpes ainda iniciante dados pela revolução argentina, boliviana e equatoriana, no primeiro lastro do século XXI. Hoje, os grandes monopólios imperialistas e as burguesias nativas montam seus governos burgueses de “esquerda” para jogar água ao fogo da revolução, e da luta de massas. Constituíram de forma preventiva no Brasil, no Uruguai e o fazem hoje no Perú para impedir que o proletariado se imponha com todo seu vigor. A nefasta política de “Frente Popular” e sua política de colaboração de classes, não é mais que a nova roupagem cheia de cantos de sereias da feroz ditadura do capital e do brutal saque imperialista de nossas nações. Saque imperialista com os que as burguesias nativas como sócias menores do mesmo, discutem seus tratados de negócios, quando são eles os que têm que colocar o corpo e suas instituições para lidar com as massas em luta. São estes turnos destes governos burgueses de “esquerda” que sustentam em última instância aos governos e regimes em crises golpeados pelo craque e o marasmo econômico, o saque imperialista e a luta de massas.

A eles se disciplinou a Cúpula e Contra cúpula de Mar del Plata em Argentina no mês de dezembro. Quando Morales triunfava nas eleições, Comdolezza Rice a secretária de Bush afirmava: “Nós nos manteremos vigilantes” e

não passaram 20 dias dessa afirmação em que Tom Shanon o secretário para Assuntos Hemisféricos de América Latina do governo de Bush declarou: “O populismo não é necessariamente mal” (...) ”É produto de uma democratização exitosa”. Traduzido do inglês ao castelhano, o governo de Bush tranqüiliza aos monopólios e as transnacionais: “Tranqüilos que Chaves e Evo Morales não são mal, salvaram nossos regimes pseudos democráticos decadentes dos golpes da revolução proletária”. E prossegue Shanon, para que não fiquem dúvidas: “Há um governo que foi eleito por 54% dos votos. Esse é um acontecimento extraordinário”. A um bom entendedor poucas palavras basta: O imperialismo saúda a montanha de votos que obteve Morales na presidência porque sabe que eles serão a base para estrangular a coordenação e centralização dos organismos de duplo poder e democracia direta que as massas revolucionárias puseram como esteios na Bolívia insurreta. Saúda o seu governo que tentará calar o grito revolucionário das massas bolivianas de “Fuzil, metralha, Bolívia não se cala!” e

As direções traidoras e as burguesias nativas querem fazer crer ao proletariado que é débil para lutar por seus interesses. Contra este engano de sua debilidade que está no submetimento à suas próprias burguesias sua fortaleza está na unidade proletária internacional de seus combates.

O mais cínico desta política impulsionada por todas as correntes pequeno-burguesas e da esquerda reformista organizada no Fórum Social Mundial è que estão a dizer aos trabalhadores argentinos e latino-americanos que são débeis que sozinhos não podem triunfar, que tem que se aliar com “generais patriotas” como Chaves, com burgueses progressistas para poder conseguir suas demandas e reivindicações. Mentira! Em uma assembléia onde haja mil operários e um patrão manda o patrão. Mentira! As burguesias nativas temem muito mais ao proletariado que luta e questiona sua propriedade privada, que o imperialismo que leva sua maior parte da renda nacional de qual são sócios. Mentira! Hoje a classe operária latino-americana e nossa classe operária Argentina em particular são poderosíssimas. Controla e produz os hidrocarbonetos, o petróleo e os minerais, os cereais, as matérias primas, os coches, etc. que necessita a economia mundial imperialista e suas transnacionais para saquear a China usando a mão de obra escrava.

Mentira! A classe operária Latino-Americana é fortíssima, seus verdadeiros aliados junto aos camponeses e setores urbanos empobrecidos são

“Nacionalização já dos hidrocarbonetos!” Que dirá a direção do PO e demais serventes das burguesias nativas que aplaudiram calorosamente “este acontecimento extraordinário” ?... Junto ao Departamento de Estado yanqui!

Como nunca o proletariado latino-americano que tem entrado na luta antiimperialista e contra os exploradores que saqueiam países inteiros tem posto na ordem do dia a luta por colocar em pé uma direção revolucionária a altura desses combates. Que enfrente apoiado na mobilização de nossa classe os cantos de sereia da pérfida política de colaboração de classes com a que aqui e ali se cantem e se desviam os heróicos combates de massas. Uma direção revolucionária que consiga guiar ao proletariado e seus aliados pobres do campo e da cidade ao poder. Porque só com o triunfo da revolução socialista a nível continental, a luta antiimperialista que começaram as massas poderá triunfar plenamente.

os que se levantam nos EEUU, os trabalhadores que fazem greves no transporte de Nova York, os que com piquetes e marchas nas ruas tentam colocar um freio à agressão imperialista no Iraque. Os aliados da classe operária Argentina e latino-americana, não são os Morales e Cia., nem os dirigentes traidores da COB e sim os operários que se insurrecionam no Huanumi e em el Alto e que em combates históricos introduziram o grito de “Nacionalização dos hidrocarbonetos já!” marchando e bloqueando as estradas e a cidade do poder em ações revolucionárias de 2003 e de maio-junho de 2005. Nossos aliados são os mineiros subcontratados que aos milhares tem levantado nas minas de cobre chileno ao grito de “Uma mesma classe, uma mesma luta!” pedindo as mesmas condições de trabalho e de salário que tem uma ínfima aristocracia operária das minas deste país. Nossos aliados são os operários, camponeses pobres e estudantes de Equador que já tem realizado rapidamente suas experiências com o governo de Palácios; ao que como age Gutiérrez, adoraram e veneraram todos os “esquerdistas” da “nova esquerda” do continente latino-americano. Definitivamente são nossos aliados os operários

e camponeses que hoje se dispõem a marchar à Quito para derrubar novamente ao governo dos exploradores nas ruas. Que assumiu a presidência logo da derrota de Gutiérrez, com frases duvidosas e “esquerdistas” contra o imperialismo para coquetear com as massas insurretas e que hoje estão terminando de firmar o TLC. Nossos aliados são os trabalhadores dos portos que estão em greve geral continental na Europa, desde Hamburgo a Portugal, desde França a Inglaterra paralisando as entradas e saídas de mercadorias ao continente europeu. Que enorme fortaleza é a da classe operária que entra unificada e centralizada em um combate internacionalista comum! Que cínica e pérfida é a política de colaboração de classes que coloca a classe operária de América Latina aos pés e a serviço dos negócios de suas burguesias nativas! Que débil e impotente se transforma assim nossa luta!

A fortaleza do inimigo está em que são capazes de comprar a uma ínfima minoria da classe operária e suas organizações para submeter a seus ditados aos explorados. Nossa debilidade tem nome e apelido: são as burocracias e aristocracias operárias e seus partidos serventes da patronal e do imperialismo. Abaixo a burocracia e as aristocracias operárias serventes do imperialismo e das patronais! Nossa força está na unidade continental de nossas lutas, em sua coordenação para golpear internacionalmente com um só punho às patronais escravistas e ao imperialismo. Viva a coordenação e a centralização do combate dos operários do Norte e Sul - América! Nenhum submetimento nem apoio aos governos burgueses! Marchar para por em pé nossos próprios organismos de luta e com democracia direta!

Se querem dizer aos operários que devem defender a ganância dos capitalistas para que estes logo repartam, como defendem os traidores da burocracia castrista em todo o continente latino-americano. Não tem vergonha para enganar aos trabalhadores. Argentina leva três anos de um altíssimo crescimento com o apoio e o aplauso do castrismo e o único que tem repartido a patronal escravista e os monopólios é o pagamento da dívida ao FMI e salários de miséria aos trabalhadores. China já tem 10 anos de crescimento sustentando e levantando o socialismo de mercado que defendem os novos mandarins assassinos do Partido Comunista Chinês e apoiados por Fidel Castro e o único que repartem ao mundo são centenas de milhões de

operários com os salários mais baixos do planeta, utilizados para diminuir o salário da classe operária mundial. A classe operária é forte contra o punhado de parasitas e exploradores que governam nossos países e regem seus destinos. Basta que rompa seu submetimento com a burguesia para que demonstre o que são: A única classe que pode liberar o camponês pobre de sua ruína e a nação oprimida da opressão e do saque. Basta de mentiras à classe operária! A classe operária boliviana controla o gás com o que funcionam todas as empresas do Cone Sul e da América Latina, no tanto, devem queimar estrume para esquentar sua comida. A classe operária chilena em suas minas controla o cobre, os operários argentinos trabalham as carnes, extraem o petróleo, produzem a indústria do aço, nas automotrizes. Nossa classe é forte e se torna débil pela divisão destas direções contra-revolucionárias que a submetem a seus verdugos. As crises e debilidade da nossa classe operária não é mais que a super abundância de direções traidoras pagas pelo imperialismo.

A única corrente do marxismo revolucionário que tem combatido e deixou seus mártires contra esta pérfida política de colaboração de classes com as que se estrangulam revoluções como a Espanhola, a Francesa dos anos 30 e centenas na história do proletariado moderno, é o trotskismo: A IV Internacional fundada em 1938, cujas lições e programa os renegados abandonaram. Lições da história que já nos alertam quando vêm estes governos burgueses “de esquerda” para adormecer as massas, os grandes capitalistas e o imperialismo preparam e listam sua casta de oficiais que são em última instância as que vêm da garantia a seus planos e suas ganâncias quando as forças das massas enfraquecem totalmente adormecidas e desgastadas. Não denunciar e falar com clareza às massas hoje e dizer a verdade por mais dolorosa que esta seja, por mais “que esteja contra o senso comum” equivale a uma traição ao proletariado.

A “nova esquerda” que prega os renegados do trotskismo, os estalinistas reciclados e os vários “socialdemócratas” não é mais que a reedição moderna da política de coexistência pacífica, de pactos e tréguas com o imperialismo e de entrega dos estados operários que impõem a burocracia estalinista durante décadas para terminar dividindo entre eles mesmos em burgueses na ex URSS, na China, no leste da Europa e como se

prestam a fazer em Cuba a burocracia castrista restauracionista.

A IV Internacional e seu programa passaram a prova, no entanto, os liquidadores do trotskismo passaram a ser agora os continuadores da velha política do stalinismo. Por isso somos os trotskistas os que lutamos por refundar a IV Internacional. Os que fazemos nosso o Programa de Transição que declara “*A IV Internacional, Já desde agora é odiada merecidamente pelos stalinistas, os sociais-democratas, os liberais burgueses e os fascistas. Não há nem pode haver lugar para ela em nenhuma das Frentes Populares. Combate irreduzivelmente a todos os agrupamentos políticos atrelados as fraudas da burguesia. Sua tarefa: a abolição do domínio capitalista. Seu objetivo: o socialismo. Seu método: a revolução proletária.*”

Não podemos permitir que os velhos aparatos decompostos e conservadores herdados do passado, sejam os que estrangulem a luta revolucionária do proletariado de hoje.

A classe operária argentina e latino-americana necessita dessa direção e desse programa para triunfar. Eis que se trata de impedir que os velhos aparatos decompostos e conservadores herdados do passado sejam os que estrangulem a luta revolucionária do proletariado de hoje.

Os exploradores e seus serventes tem posto em pé uma política continental tentando subordinar a classe operária americana aos pés do partido dos carneiros democratas de EEUU, que se postulam para suceder ao governo de Bush em crise, em sua política de saque e genocídio a nível internacional. Aos pés de Chavez, de Kirchner; Lula; Tabaré Vázquez; Bachelet e demais governos pro - imperialistas e burgueses da região. A essa política continental do imperialismo e dos seguidores do Foro Social Mundial há que contrapor-lhes o reagrupamento das forças sanas e principistas do marxismo revolucionário internacional que permitam colocar em pé em nossos países partidos revolucionários internacionalistas. Trata-se de colocar em pé os partidos revolucionários que em seus países sejam os organizadores internacionalistas da classe operária. Trata-se de colocar em pé os partidos revolucionários que coordenam e centralizam o enorme esforço desprendido pela classe operária do Norte e Sul-América em um combate comum. Neste dia a sorte e a sobrevivência dos exploradores terão terminado.

Nó trotskistas de Democracia Obreira estamos empenhados nessa tarefa junto com as forças trotskistas principistas de América latina e do mundo com as que temos posto em pé um Comitê de Enlace por uma Conferência Internacional das forças sanas do trotskismo e das Organizações Operárias Revolucionárias, e junto aos trotskistas revolucionários de Argentina, Nova Zelândia, Chile, Peru, Brasil e Bolívia temos posto em pé a Fração Leninista Trotskista. Trata-se dos embriões do partido latino-americano revolucionário que necessita a classe operária de nosso continente para enfrentar a pérfida política de colaboração de classes do Foro Social Mundial hoje e os golpes da contra-revolução e o fascismo amanhã.

Trata-se de combater a famosa revolução Bolivariana que é um novo desvio a luta antiimperialista das massas latino-americanas para impor o triunfo da revolução operária e campesina, que hoje concentra todas suas forças na Bolívia insurreta e onde também tem concentrado suas forças as direções contra-revolucionárias para estrangular seu triunfo. A revolução operária e campesina sobre a ruína dos estados semi-coloniais decadentes a revolução Bolivariana, caricatura de revolução para defender os interesses das burguesias nativas e do imperialismo.

Na Argentina trata-se de nada mais e nada menos que de reagrupar aos jovens e operários conscientes atrás das limpas bandeiras da luta por refundar ao trotskismo argentino sobre bases internacionalistas e revolucionárias. Um novo partido revolucionário que chame a reagrupar a vanguarda operária para romper o cerco das burocracias sindicais e piqueteiras para reconquistar em nossas organizações de luta a democracia operária e a independência das mesmas do estado, seus ministros e seus governos. Um novo partido revolucionário internacionalista que impulse um verdadeiro Bloco Operário Revolucionário das organizações em luta para conquistar um reagrupamento da vanguarda e uma organização comum de todos os que lutam. Trata-se de voltar a instalar nas ruas a luta por derrotar a burocracia e abrir o caminho à greve geral; para retomar o caminho de “que se vão a todos e não fique nenhum” como hoje estão retomando nossos irmãos do Equador.

Trata-se de colocar em pé um novo partido revolucionário para impulsionar um reagrupamento das fileiras operárias para lutar

pelas demandas mínimas pelas que devem combater a classe operária argentina, que não são outras que declarar guerra a inflação e a carestia de vida, devemos impor a luta pela derrota das juntas paritárias da burocracia sindical e avançar até a conquista \$1800 de salário básico para todos, com aumentos salariais que incluam cláusula de gatilho, que os salários aumentam automaticamente quando do aumenta da inflação, com trabalho digno para todos. Um programa que imponha a luta pela liberdade dos presos políticos e sociais, que cesse as perseguições a todos os lutadores operários e populares, que façamos nossa a luta pela liberdade dos presos de Guantánamo e que chame a classe operária de Argentina, Chile e Brasil a sublevar-se contra seus governos que enviam tropas à Bush para invadir Haiti. Um programa que chame a romper com o governo servente de Bush e o FMI, que chame a sublevar a classe operária argentina para que não seja estrangulada a revolução boliviana pelos Morales, os Kirchner, os Lula e os testas de ferros da Repsol, da Petrobras, da Totalfina e demais transnacionais.

Desde Democracia Operária chamamos a colocar em pé esse partido revolucionário

internacionalista. Sabemos que existem enormes forças para isto. Sabemos que lutando colocar em pé, ombro a ombro os jovens e operários combativos os organismos para coordenar sua luta daremos juntos enormes saltos mais adiante. Sabemos que milhares de jovens e operários desejam e esperam uma direção revolucionária que os levem ao triunfo. Eles constituem as forças para transformar em realidade material a direção revolucionária que a classe operária merece. Porque quando acabem os versos e as fraseologias duvidosas; a demagogia de pouca monta; e ante a cruel realidade se desmascare estes governos burgueses com fraseologia esquerdista que são os novos responsáveis pelo saque e a exploração de nossa classe, que não podem falar já os que hoje como limões exprimidos chamaram a apoiar, a abrir ilusões nos mesmos e os que têm enganado novamente ao proletariado. Porem, para que esse momento haja uma alternativa e não uma tragédia para o proletariado, desde hoje companheiros, todas as forças deve colocar ao pé da Revolução Socialista na altura dos planos da contra-revolução e seus serventes.

Atividade de discussão política aberta

- Conjuntura Internacional e Nacional;
- O revisionismo do Marxismo;
- A necessidade da construção do Partido Operário Marxista (Reconstrução da IV Internacional).

Data - 25 de fevereiro de 2006.

Horário- 18:30 horas

Local – Galpão da Associação OESTE- Rua Maria Aparecida, 50, Vila Nova Conceição, Diadema

Ponto de referencia NAP do Bairro do Serraria.

Convocante:

POM – Membro do Comitê de Enlace por uma Conferencia Internacional dos Trotskistas principistas e Organizações Revolucionárias Internacionalistas.

DEFESA DA ESCOLA PÚBLICA E CAMPANHAS PARA 2006

O GOVERNO ALCKMIN/CHALITA E SEUA POLÍTICA

A categoria do professorado do Estado de São Paulo em dezembro de 1997 sofreu um duro golpe: mais de 40 mil professores foram demitidos em função da redução da grade curricular, incluindo a extinção de disciplinas importantes como Psicologia, Sociologia e filosofia em algumas escolas culminando também com a implantação da hora-relógio; a implantação da municipalização em todos os municípios do Estado também contribuiu para a demissão de milhares de professores. Conseqüentemente, de lá para cá a situação da escola e do ensino público só tem piorado gradativamente; mesmo com o projeto escola da família aos finais de semana com o objetivo de trazer a comunidade para dentro da escola e fazer valer o voluntarismo com o slogan de combate à violência, o que está por traz de tudo isso é o desvio de verbas, a redução de gastos com a educação e o endividamento do Estado, ou melhor, da população porque o projeto é financiado pela UMESCO – organismo imperialista, sem que os problemas da escola pública sejam resolvidos de acordo com os interesses da comunidade escolar.

Vejamos os caminhos utilizados pelo governo: em 2004 fez concurso para PEB II e em 2005 para PEB I, professores de Ed. Física e Filosofia; depois de 10 anos sem reajuste salarial, este repõe apenas 15% de parte das perdas acumuladas sobre o salário base mais

15% de gratificação sobre o total dos vencimentos, mas em contrapartida reduz 2,5% do Adicional de Dificil Acesso para aqueles que têm o benefício, o que ainda não repõe nossas perdas que chega ser mais de 150%; no início de 2005 aumenta a grade curricular do diurno para o Ensino Fundamental e Médio; depois dessas concessões, anuncia a demissão de 120 mil professores contratados em caráter temporário, mas não conseguiu; para este ano de 2006 vai implantar a volta da grade curricular de 1997 no período noturno com cinco aulas, mas em contrapartida implanta o projeto de escola de tempo integral (500 escolas ao todo), o que com esse projeto mais uma vez tenta a priori enganar primeiramente aos pais, alunos e principalmente aos professores; a essência desse projeto é a demissão de professores (talvez os mesmos 120 que proponha com o PLC 26/2005) e mesmo com as nove horas de permanência que as crianças terão de ficar trancafiados na escola, a qualidade e o atendimento a demanda com certeza vão piorar, se não vejamos: o projeto abrange as escolas que funcionam com o ciclo I e II separadamente, pois será impossível aos moldes desse ter os dois ciclos na mesma escola; se é assim, haverá redução de turnos/períodos; essas escolas não podem ter em funcionamento o período noturno e as escolas que funcionam com dois períodos, seja ela do ciclo I/ II, um turno/período será extinto e a demissão massiva de professores e funcionários está comprovada.

QUAIS SÃO OS REAIS MOTIVOS E SEUS PRETENSSES?

O governo Alckmin como representante da grande burguesia e dos grandes negócios do capital financeiro no Estado sempre seguiu a linha do governo Mário Covas – homem linha dura, “sério, democrático e bom administrador”. Conversa fiada. O que está por traz de tudo isso tem como objetivo se tornar homem popular para ser o grande representante no país da grande burguesia imperialista.

A burguesia já acena com a preparação do seu legítimo representante para substituir o então presidente Lula/PT, se não neste ano quando ocorrerá eleição presidencial, mas com certeza para 2010, porque o governo Lula ainda tem muito que fazer para cumprir os acordos feitos e negócios com os imperialistas em favor de seus interesses, mesmo porque este ainda

canta com total apoio da classe operária e camponesa do país e também porque o povo brasileiro ainda deposita confiança no governo Lula devido suas ilusões baseadas nas promessas de campanha e, mesmo porque se sabe que este saiu da classe operária. Acrescentando-se a isso temos ainda pela frente os dois principais massacres aos direitos da classe operária do país: a reforma sindical que dar mais força e respaldo político e financeiro a burocracia sindical e a reforma trabalhista onde a CLT não mais prevalecerá e sim os acordos de cúpula.

Um dos principais motivos sem sombra de dúvida tanto para o governo Alckmin (genuíno representante da burguesia) como para a burguesia é a ascensão deste ao topo do poder – a presidência da república, para assim,

continuar administrando seus negócios; não podemos também desconsiderar o grande papel que vem fazendo o governo Alckmin no que se refere ao controle da categoria dos professores, bem como de todo o funcionalismo público em geral, o que para isso tem se utilizado e muito

das migalhas “concedidas” e os acordos feitos as portas fechadas com a burocracia dirigente do nosso sindicato como forma desta fazer com que os trabalhadores em educação não avancem nas suas conquistas.

COMO TRABALHADOR QUAL O NOSSO PAPEL?

O nosso papel como trabalhador é não depositar nenhuma confiança neste governo burguês de Alckmin nem mesmo naqueles que se dizem dos trabalhadores, muito menos termos esperança de que este ou aquele possa ser melhor do que o outro que está no poder (no caso Lula) e que venha resolver nossos problemas atendendo minimamente as nossas reivindicações.

O capitalismo é um sistema dominado por poucos burgueses que visa somente o lucro e para isso explora o trabalhador através de sua força de trabalho e, agora mais do que nunca em função da crise capitalista de superprodução, os governos por imposição da burguesia imperialista vêm constantemente retirando nossos direitos conquistados na luta ao longo de anos; os melhores exemplos são as várias reformas que foram implementadas e impostas de cima para baixo aos trabalhadores.

O melhor caminho para nós trabalhadores é acreditar que somente através da nossa luta diária em prol das nossas reivindicações é que vamos conseguir manter e ampliar nossos direitos. Este caminho já foi demonstrado em vários momentos. Todas as conquistas conseguidas até aqui foram fruto da nossa luta pela sobrevivência, melhores condições de trabalho e vida.

Fato consumado: em 2005 o governo discriminou os professores PEB I com o edital

fascista do concurso; também tentou demitir 120 mil professores para precarizar ainda mais o sistema de contratação destes. Nas duas ocasiões os professores e comunidade escolar saíram em luta nas ruas fazendo o governo mudar de idéia, atendendo a reivindicação da categoria.

É sob o ponto de vista do instinto de classe do proletariado, da necessidade de sobrevivência, da nossa capacidade de organização em classe e luta direta, além de termos consciência de que todos os nossos problemas é fruto da exploração capitalista, é que não resta dúvida sobre os caminhos que temos que seguir. Pois bem, se o problema é o capitalismo isso significa dizer que nem governo nem patrão vão resolver nossos problemas; todos os nossos problemas só vão poder ser resolvidos por meio da nossa luta direta pelas reivindicações imediatas e pela reivindicação histórica do proletariado mundial, ou seja, pela transformação da sociedade – socialismo – por meio da revolução proletária no mundo inteiro.

Nesse sentido, a atuação dos revolucionários no interior das organizações operárias não pode ser de outra forma se não com o programa e princípios da classe proletária, sempre com o método da democracia operária e das reivindicações imediatas e transitórias.

PORQUE NÃO DEVEMOS COMFIAR, NEM TER ESPERANÇA NESSE GOVERNO?

Paralelamente a falácia de Alckmin/Chalita de que a escola e o ensino público estão melhorando, além de iludir professores, pais e alunos os fatos é que a destruição da escola pública continua, se não vejamos: precarizou ainda mais a contratação de funcionários (agora é frente de trabalho), vem aumentando anualmente o número de classes de suplência do Ensino Fundamental e Médio no período noturno e tele-salas, suplência aos finais de semana, etc.; as conseqüências dessa política destruidora e fascista tem sido a expulsão de milhares de alunos e pais de família todos os anos, o que

interrompe o ciclo normal de permanência desses alunos na escola, sem contar com a péssima qualidade do ensino-aprendizagem – tem melhorado apenas os índices governamentais; com esses e outros projetos tem todos os anos demitido milhares de profissionais que atuam na educação pública e assim vai reduzindo os gastos (isso vale para todas as áreas), como também desviando os recursos que deveriam ser gastos com o ensino público para outras áreas e para o bolso dos capitalistas; todos os anos dezenas de escolas, classes e turnos estão sendo fechados.

QUAL DEVE SER O EIXO DE NOSSA CAMPANHA PARA 2006?

Neste ano o conjunto dos trabalhadores de modo geral vai atravessar sérios transtornos para iniciar suas campanhas salariais, tendo em vista que temos pela frente mais um ano eleitoral onde os políticos dos partidos burgueses e pequeno-burgueses estarão ambos envolvidos nesse processo fraudulento e fazendo dos trabalhadores massa de manobra e ao mesmo tempo tentando convencê-los de que este caminho burguês e formal é a única via para que o proletariado melhore suas condições de vida por meio de reformas burguesas.

Nesse sentido, de um lado temos os governos oferecendo migalhas aos trabalhadores e do outro as burocracias sindicais que conciliando todo tempo com governos e patrões impedem que os trabalhadores avancem nas suas conquistas. Esse fato se justifica devido a esperança que estes colocam para os trabalhadores que mantendo as eleições burguesas e suas instituições, através dos “representantes do povo” é possível que pelo menos alguns melhorem de vida e os demais possa viver mesmo na miséria, sem emprego, salário, etc.; que é possível também humanizar o capitalismo, distribuindo renda e etc.

Categoricamente, afirmamos que por essa via não é possível conseguirmos o tal sonhado emprego com salário que dê para atender todas as necessidades de uma família, moradia, saúde, educação, transporte e lazer. Afirmamos também que somente a união dos trabalhadores organizados nas organizações operárias e na luta direta nas ruas é que teremos chance de termos nossas reivindicações atendidas.

Para nós trabalhadores em educação, a defesa da escola pública deve ser categórica, porque com isso estaremos defendendo os interesses dos pais e seus filhos, emprego, salário, condições de trabalho e ensino. Nesse caso, devemos estar no interior das escolas constantemente na sala de aula, nas reuniões de pais e de alunos, bem como impreterivelmente nas assembleias unitárias, esclarecendo-os sobre tais necessidades e mais: que nenhuma escola, período ou sala sejam fechadas, por construção de mais escolas, por melhoria da qualidade de ensino (bibliotecas, laboratórios, materiais didático-pedagógicos e etc.), pelo fim dos projetos que acabam com a escola pública e que a escola esteja sob o controle da comunidade escolar.

PROPOSTAS DE CAMPANHAS NAS ESCOLAS PARA 2006

Em função da necessidade de colocarmos para a categoria e comunidade escolar a defesa da escola pública como forma de defender e assegurar o número de escolas já existentes, bem como a construção de mais escolas; lutar para reabrir as escolas, períodos e salas fechadas; lutar pelo máximo de tempo de permanência dos alunos nas escolas sem prejuízo ao atendimento da demanda e sem extinção de turnos, por melhores condições de trabalho e ensino; enfim, por emprego para professores e funcionários. Ao fazermos essa campanha, além de estarmos inseridos no processo e no seio da comunidade/dos trabalhadores, estaremos organizando e ao mesmo tempo lutando por estabilidade no emprego para todos, bem como a ampliação destes. Por isso, propomos uma ampla campanha de esclarecimento no interior das escolas junto aos alunos, pais e professores sobre os malefícios que causam ao conjunto dos trabalhadores os projetos destruidores da escola

pública do governo do Estado de São Paulo. Vejamos:

- Campanha de esclarecimento sobre a modalidade de ensino suplência/EJA;
- Campanha de esclarecimento sobre a modalidade de ensino suplência aos finais de semana;
- Continuar a campanha de esclarecimento sobre a modalidade de ensino nas tele-salas;
- Campanha de esclarecimento sobre as classes de aceleração e sobre a reclassificação;
- Campanha de esclarecimento sobre a escola da família;
- Campanha para implantação de bibliotecas, laboratórios, salas de vídeo e de informática nas escolas onde não tem.

VITÓRIA PARCIAL DA COMUNIDADE DA E.E. PEDRO MADÓGLIO E E.E. FABÍOLA

O governo através da Dirigente Regional de Ensino de Diadema tem desfechado uma série de ataques à escola Fabíola, se não vejamos: no segundo semestre de 2004 tentou fechar 04 turmas de 5ª série no período da tarde; a comunidade se mobilizou e impediu o fechamento. No final de 2004 para o início de 2005, esta se aproveita do recesso escolar e das férias e acaba com o ensino médio diurno – um golpe sórdido à comunidade; com isso implantou já em 2005 o ciclo I no período da tarde; fecha as portas para a demanda de 5ª série e implantam um quarto turno na E.E. Pedro Madóglgio com 5ªs séries – mais um golpe; é a reorganização pela segunda vez da E.E. Pedro Madóglgio e Fabíola; neste ano de 2005 transferiu todas as 13 classes do ciclo II do período diurno, 05 classes do ensino médio regular do período noturno mais 01 8ª série do ensino regular.

O fato é que o propósito dessa mudança foi para dismantelar a resistência e luta da comunidade da Fabíola e em seguida fechar o período noturno para no primeiro momento transformá-la em escola somente do ciclo I.

Novamente as duas comunidades se mobilizaram, revertendo parcialmente a situação

da E.E. Pedro Madóglgio, o que permaneceu apenas duas turmas de 4ª série.

Na reunião do dia 27 de janeiro de 2006 na COGSP, proveniente da reunião do dia 08 de dezembro de 2005 na SEE, com relação aos alunos da E.E. Fabíola do período noturno ficou acertado o seguinte: que a COGSP fará notificação por escrito à Dirigente Regional e esta aos diretores das escolas que receberam os alunos da Fabíola para que estes possam retornar a sua escola de origem.

Da nossa parte e do movimento, consideramos que mesmo parcialmente conseguimos atingir parte dos nossos objetivos. Agora, só nos resta fazermos panfletagem, sairmos às ruas e aos bairros vizinhos a escola para dizermos para os alunos que eles podem voltar que suas matrículas serão garantidas, como também acompanharmos esse processo junto aos órgãos dirigentes.

*Não ao fechamento do período noturno da E.E. Fabíola!

*Viva a luta da comunidade escolar da E.E. Pedro Madóglgio e da Fabíola!

*Viva a união dos lutadores e suas lutas!

LUTA CONTRA AS PERSEGUIÇÕES DE ALCKMIN

Em 2000, os 43 dias de greve dos trabalhadores em educação desmascararam o governo fascista de Mário Covas e sua política de destruição da escola pública. Em contrapartida, este por sua vez desfechou uma série de ataques aos professores – repressão violenta por parte da polícia, além de demitir 05 professores e forjar processo contra 35 professores.

O governo Alckmin não tem sido diferente. No dia 08 de dezembro de 2005 fez um ano da luta vitoriosa do movimento pela reconstrução da escola Mário Santalúcia, a qual deve ser inaugurada já no segundo semestre de 2006; fez também um ano que a Secretaria de Educação do Estado pediu a instauração de processo administrativo contra 10 professores lutadores. Pura perseguição do governo é tanto que a luta da comunidade e demais entidades sindical e popular conseguiu com que o governo construísse um novo prédio no mesmo local.

Nesse sentido e da nossa parte não tem nenhum sentido esses processos e, portanto temos todos juntos que rechaçarmos tal truculência fascista do governo Alckmin/Chalita. Por isso, defendemos:

*Luta unificada contra as perseguições políticas e os perseguidores!

*Luta unificada pela readmissão de todos os professores demitidos da greve de 2000!

*Luta por indenização da família do professor demitido na greve de 2000, pois este faleceu em 2005!

*Luta pela retirada dos processos contra os 35 professores que foram testemunhas em favor dos demitidos da greve de 2000!

*Luta pelo arquivamento dos processos contra os 10 professores lutadores pela ocasião da luta do movimento pela reconstrução da escola Mário Santalúcia!

*Luta junto a Direção da Apeoesp pela contratação imediata de Advogado para a defesa dos 10 professores.

SOBRE A POSIÇÃO DA DIRETORIA DO SINDICATO

Se partirmos da premissa que a diretoria da Apeoesp atua no campo do reformismo e que na sua ampla maioria são partidários das eleições burguesas, de suas instituições, sem dúvida este ano será um prato cheio para os conchavos políticos e conciliações com o governo.

Se partirmos do princípio que a diretoria da Apeoesp na sua ampla maioria é corporativista, ou seja, não unifica as lutas nem os lutadores (só no discurso) e que ao menos permite que pais e alunos participem diretamente das assembleias (com voz e voto), sem dúvida este ano a diretoria continuará fazendo corpo mole com o governo e vistas grossas aos problemas da escola pública.

Se partirmos do ponto de vista de que neste ano temos eleições burguesas e que a diretoria da Apeoesp na sua maioria seus membros estarão direto ou indiretamente envolvido nesse processo, com certeza as reivindicações imediatas dos trabalhadores em educação ficarão em segundo plano.

Isso nos dar um panorama do que vai ser este ano no que se refere a organização e luta da categoria, além de dar mais fôlego ao governo para que este possa continuar aprofundar o desmantelamento da escola e do ensino público.

Queremos reafirmar que independentemente do mau que esta burocracia instalada há anos no nosso sindicato, nós vamos continuar insistindo junto a categoria e demais trabalhadores ligados a educação que o único caminho para avançarmos nas nossas conquistas é o da luta direta das massas.

Portanto é de grande relevância que na luta em defesa da escola e do ensino público, pais, alunos e demais trabalhadores estejam conosco para discutir, aprovar e encaminhar as decisões, principalmente das assembleias gerais.

Uma vez feito isso, os trabalhadores estarão um passo adiante no nível de organização e consciência de classe e, a partir daí podemos dá adeus a burocracia sindical na Apeoesp, desde que a nossa atuação se dê com o programa e princípios da classe proletária.

- Abaixo a burocracia sindical dos organismos dos trabalhadores!
- Abaixo o corporativismo sindical
- Pela unificação das lutas e dos lutadores!
- Pelas assembleias unificadas!
- Pela construção de organismos de duplo poder!

NOSSAS PRINCIPAIS REIVINDICAÇÕES

- Lutar contra o fechamento de escolas, salas ou períodos!
- Lutar contra a superlotação das escolas e classes!
- Lutar pelo fim do quarto período nas escolas!
- Lutar pela redução do número de alunos por classe!
- Lutar pela melhoria das condições de trabalho e ensino para todos!
- Lutar pela reposição de todas as perdas acumuladas e pela incorporação de todas as gratificações!
- Lutar pela redução da jornada de trabalho sem redução de salário!
- Lutar pela estabilidade no emprego para todos os que têm cinco ou mais anos na rede e garantia de emprego aos demais, sem que seja necessário passar pelo grifo do concurso eliminatório.

Venha fazer parte da nossa corrente política na Apeoesp, escreva dando sugestões ao boletim da Oposição Reconstruir na Apeoesp.

Contatos pelo e-mail: oposicao-reconstruir@uol.com.br ou com os membros da reconstruir

Os rumos da Previdência Social

Desde o dia 16 de janeiro de 2006 as Agências do INSS (Instituto Nacional do Seguro Social) ampliaram, por força de Decreto do Governo Federal. Todavia, não obstante a imperiosa necessidade de respeito e assistência à população, certas ressalvas devem ser consideradas em seu conjunto sobre as circunstâncias em que as medidas governamentais são implementadas e seus motivos.

As agências do INSS passam atender o público todos os dias úteis no período das 08:00 hs às 18:00 hs ininterruptamente “sem quaisquer restrições” à qualquer serviço prestado por elas. Assim a população fica, pelo menos em teoria, amplamente assistida e resolve-se satisfatoriamente a notória ineficácia do instituto, logo que é inegável o benefício à população que se estendam os serviços prestados ao público (*com qualidade, entretanto*). Contudo, longe de amenizar os tumultos e os disparates infligidos ao povo e os trabalhadores da previdência, o que verificamos é o agravamento do caos no funcionamento do INSS; caos este justificado pelo Governo, como sempre, através de sua imprensa cooptada no ataque aos trabalhadores públicos rotulando-os de inconseqüentes vagabundos que se recusam a atender corretamente a população gerando os conflitos, as filas e descasos aberrantes nas repartições do instituto. A ineficácia do INSS continua transparecendo seja pelas filas e tumultos em suas portas, seja pela demora de resultados seja pelas reportagens sensacionalistas que fazem de uma consequência do sistema capitalista, o bode-expiatório para expiação da miséria. Logo que surge um vilão aos olhos do descontentamento público, que oculta por sua vez as verdadeiras causas do caos que aflige desde sempre todos os serviços públicos.

E porque medidas como esta é empreendida principalmente em épocas como atravessamos? Estamos às vésperas de mais uma eleição e para um sistema que se baseia na exploração e dissimulação desta não é surpresa (pelo contrário) observarmos os diversos governos que o representa lançarem-se em medidas populistas para embalar o povo nas palhaçadas eleitorais para opinarem quais serão, durante os próximos quatro anos, os carrascos a lhes iludirem. Este,

fatalmente, é o motivo que levou o Governo as mais recentes medidas de “melhoria dos serviços públicos”.

Concretamente, assim como todos os setores do funcionalismo público e de assistência a população (Educação, Saúde, Moradia, Transportes e etc.) a Previdência Social não foge a regra de sucateamento e privatização (falta de recursos e funcionários, repressão e intransigência, burocratismo e hierarquização e etc.). A Previdência Social, inclusive, em sua trajetória, já teve este expediente de atendimento que fora extinto justamente por carência de recursos e funcionários. Além do aspecto populista eleitoreiro esta medida em seu contexto visa também reprimir e pressionar os trabalhadores que por várias vezes têm levantado a cabeça em suas lutas e greves e obrigá-los a cumprirem uma jornada de oito horas diárias contra sua antiga conquista histórica, a jornada de seis horas diárias em decorrência do caráter de sua função laboral (atendimento ao público — que longe de ser retirada deveria ser estendido a todos os trabalhadores).

Sem a contratação de nenhum funcionário a mais o Governo impõe a duplicação do expediente do INSS, quando inclusive o quadro de funcionários já era extremamente insuficiente antes desta medida e seus recursos escassos e desviados. Sem a discussão e devida preparação dos trabalhadores do setor para atender a população. O resultado:

- Nenhuma das antigas deficiências foram sanadas e acentuam-se sob as novas circunstâncias.
- A desorganização causa ainda mais tumultos e transtornos aos trabalhadores e usuários do INSS.
- Os processos de benefícios (entre outros) acumulam-se ainda mais nas prateleiras e a perspectiva é triste de suas resoluções, uma vez que sem a contratação de funcionários (há milhares de pessoas aguardando na lista de espera de aprovados do último concurso aguardando convocação) o quadro efetivo do INSS desdobra-se em dois períodos para manter as portas abertas

impossibilitando a continuidade dos trabalhos internos.

- O trabalho dobra (senão mais) e os recursos para fazê-lo permanecem os mesmos e a única iniciativa do Governo é pagar horas-extras para evitar o acúmulo inevitável de serviço, evitando sim a contratação de mais trabalhadores.
- As filas, característica essencial das repartições públicas, é simplesmente remanejada: dos acampamentos noturnos para protocolo de benefícios, para uma demora ainda maior dentro das agências e para uma lista interminável de espera pela conclusão do seu processo. Como tem sido feito na saúde, onde para marcação de consultas recorre-se obrigatoriamente ao serviço pelo telefone para aguardar pacientemente uma vaga.
- Em algumas agências (ou regiões) permanece o índice de “estelionato”, onde aqueles antigos oportunistas guardadores de fila passam a representar perante o INSS, pela falta de critérios generalizados, dezenas de segurados que muitas vezes nem ao menos conhecem, angariando duvidosos encargos sobre seus “serviços” prestados.
- Assim sendo, a desinformação e o descontentamento prevalecem e, de uma forma ou de outra, o governo alcança seu objetivo: saudosismo e a sonegação dos benefícios e direitos da população e seus servidores.

Em decorrência da truculência da burocracia sindical e da camada mais reacionária da aristocracia operária, estas realidades são combatidas pelos trabalhadores da Previdência tendo como pauta de suas reivindicações mais recursos para os serviços públicos, contratação de mais funcionários através de concursos, salários decentes, critérios mais abrangentes para assistência à população, democracia operária nas repartições públicas, denúncia do suposto déficit da Previdência e fim dos desvios de seus recursos e etc. – Embora muito aquém do que deveria ser a luta desse setor fundamental de todos os trabalhadores.

Enfim, como já explanado, o propósito das “recentes” medidas segue a mesma linha de tantos outros projetos governamentais: populismo, sucateamento dos serviços públicos, sua privatização, voltarem a atenção dos trabalhadores para longe do saque que é intensificado contra seus direitos e da adequação do planeta a decadência e ganância capitalista.

O desafio que devem apegar-se não apenas os servidores públicos, que assistem mais intimamente a direção das Reformas governamentais, senão o conjunto dos trabalhadores e empreender a luta por seus direitos e reivindicações revolucionariamente (não só a ampliação do atendimento à população, mas o controle dos recursos e diretoria desta, a ampliação dos direitos prescritos na lei e não seus saques como se faz gradualmente). Compreendendo a indissolubilidade da união de todos os trabalhadores e que desta luta não há outro caminho que seja aquele que aponte o fim do capitalismo, logo que todos os esforços e a revolta da população sempre se esbarram nas capitulações, preconceitos e eleitoralismo dos que envolvem e protegem este sistema incorrigível, os reformistas, burocratas, pelegos e pequeno-capitalistas.

Educação consequência do capitalismo; sucateada e de acesso negado a classe operária.

A questão da educação no mundo desde a época mais remota esteve ligada à condição sócio-econômica a que está inserido a classe social que usufruem do poder. O acesso ao ensino superior está pré-determinado às

possibilidades e condições de estudo, e/ou preparação, com a qual as pessoas passam desde o início quando entram na educação básica até chegarem ao final do ensino médio no Brasil. Dentro do sistema de ensino público observamos

total descaso, se bem que não é pra menos, pois a educação é apenas um reflexo das condições a qual estamos inseridos de crise e miséria como consequência da crise de superprodução, como um dos fatores principais dentre outros, da qual fazemos parte. O governo Lula/PT desde o início fez discursos se referindo aos investimentos que deveria fazer na educação brasileira. Porém, ao invés de trazer maior acesso e trabalhar para que se modifique a estrutura do ensino fundamental e médio criando assim acesso ao ensino superior público às camadas menos favorecida. Desenvolveu programas que não dão conta da situação, como por exemplo, o Programa Universidade para todos (PROUNI). Criado em 2004 com o advento do governo do PT se propôs em discurso a dar cabo e melhorar a situação da Educação brasileira, no entanto, apenas concedeu bolsas de 50% e 100%, em faculdades particulares em socorro as instituições privadas que estavam com 30 à 40% de vagas ociosas. O que realmente deveria ser feito era criar acesso nas instituições de ensino superior públicas, onde realmente o ensino é de melhor qualidade e que pela falência do ensino fundamental e médio público, as vagas das Universidades públicas acabam sendo preenchidas pelos estudantes vindos das escolas particulares, das classes sociais abastardas. Em outras palavras, o pobre paga o que não pode e o rico estuda de graça na pública, eis mais uma contradição que o governo do PT continua levando adiante.

O ministério da educação estabeleceu acordos com as grandes Universidades particulares, a fim de criar maior acesso aos cursos, porém a custo de muitos acordos como, por exemplo, isenções de taxas (impostos), com a casta de grandes empresários

que como sabemos monopolizam a educação brasileira. Tal programa, como as reformas previdenciária e o programa fome zero e tantos outros, vem na tentativa de reformar o Estado Burguês-Capitalista, pois defende a tese de que a educação deve ser acessível, mesmo que por meios enganosos, o que sabemos que é uma mentira, pois desde o seu surgimento lá na idade Média o desenvolvimento e o acesso à educação estiveram nas mãos da classe detentoras do poder como ainda estão.

Temos que mudar essas condições trabalhando para a construção de um partido revolucionário (escola das massas) verdadeiramente inserido nestas e que represente realmente os objetivos históricos do operariado internacional, com sua base estruturada na juventude operária, criando condições favoráveis para que ocorra uma revolução socioeconômica tanto no Brasil e América Latina até que seja expandida e integrada no resto do Mundo. O movimento estudantil assim como os mais oprimidos, sofre com a crise do movimento operário, tanto de direção, condição e traições históricas. Porém resiste como o mesmo e ainda sobrevive. Tenta se reestruturar para se reconstruir direcionando as condições objetivas para uma revolução social, dotando esta de situação também subjetiva, ou seja, com consciência de classe. Uma explosão social o que seria uma revolução estruturada e desenvolvida dentro dos princípios marxistas e sob as conquistas históricas do Trotskismo e da teoria da revolução permanente alcançando o regime soviético.

Portanto, as organizações revolucionárias têm um papel fundamental em tal discussão, pois

a juventude está sofrendo com a miséria da educação governista, muitos tentam, porém uma ínfima casta de indicados consegue vagas, e tudo isto apenas para esconder a real situação de crise na qual já foi referida acima. Na carta a juventude com a qual Trotsky faz um chamamento e destaca a importância da juventude revolucionária e que hoje sem o movimento é cooptada por organizações que se

dizem revolucionárias como o PSTU e P-SOL que crescem em número e não em qualidade de militantes que enganando os mesmos e negando suas origens e o seu plano de sucessão governista escondido em discursos de ultra-esquerdismo, passando por um processo parecido pelo qual o PT passou em sua história, no qual não podemos deixar que seja repetido novamente num futuro próximo.

UMA CARTA PARA A JUVENTUDE

LEON TROTSKY

“Um partido revolucionário deve necessariamente basear-se na juventude. Inclusive, podemos dizer que o caráter revolucionário de um partido pode ser julgado pela sua capacidade de atrair para suas bandeiras a juventude da classe operária.

O atributo básico da juventude socialista – e tenho em mente a juventude genuína e não os velhos de 20 anos – reside na sua disposição de entregar-se total e completamente à causa socialista.

Sem sacrifícios heróicos, valor, decisão, a história em geral não se move para frente.

Porém, o sacrifício somente não é suficiente.

É necessário ter uma compreensão do curso dos acontecimentos e dos métodos apropriados para a ação.

México - Coyoacán, 1938.

‘sto somente pode ser obtido por meio da teoria e da experiência vivida. O mais contagiante entusiasmo rapidamente esfria-se ou evapora se não encontra a tempo uma clara compreensão das leis do desenvolvimento histórico.

Freqüentemente, observamos como os jovens entusiastas, ao dar uma cabeçada na parede convertem-se em sábios oportunistas; como ultra-esquerdistas desenganados passam em curto tempo a ser burocratas conservadores, assim como pessoas fora da lei se corrigem e se convertem em excelentes policiais. Adquirir conhecimento e experiência e ao mesmo tempo não dissipar o espírito lutador, o auto-sacrifício revolucionário e a disposição para ir até o final, esta é a tarefa da educação e da auto-educação da juventude revolucionária.”

2º Encontro da CONLUTAS ABC

Dia 19 de março de 2006.

Das 8:00 às 17:30 horas

Subsede da APEOESP DE São Bernardo do Campo

Pauta:

- Análise da situação política Internacional e Nacional;**
- Caráter e 1º Congresso da CONLUTAS;**
- Critérios e cronograma de eleição de Delegados ao 1º Congresso da CONLUTAS;**
- Plano de lutas;**
- Organização.**

Tendo em vista a transcendental importância de dotar o Movimento Operário brasileiro, com uma política e uma Organização que corresponda aos interesses históricos do proletariado mundial;

Tendo em vista que a chegada do PT ao governo Central a CUT se integrou totalmente ao governo PT/Lula mesmo tendo este assumido totalmente as reformas imperialistas de destruição dos serviços públicos e dos Direitos históricos dos trabalhadores;

Tendo em vista que a estatização total da CUT dando os braços totalmente com a Força Sindical levou a vários setores do Movimento Operário, popular e estudantil brasileiro a romper com esta Central e se colocando na trincheira da luta contra as reformas imperialistas;

Tendo em vista finalmente que a resistência contra as reformas imperialistas colocou com mais evidência na ordem do dia a necessidade da organização independente do proletariado brasileiro e que estamos defendendo está discussão na CONLUTAS de uma nova Central com caráter Soviético.

Convidamos todos a se incorporarem nesta luta e discussão, participando dos Encontros da CONLUTAS, defendendo um plano de luta que unifique os oprimidos brasileiros na luta internacionalista pelas reivindicações transitórias e os objetivos histórico do operariado mundial culminando para isto na defesa da construção de uma Central Proletária Soviética, ou seja: uma Central regida pela Democracia operária, unificação dos oprimidos bela base nos Comandos de Base como estrutura principal desta Central, rompendo assim com o corporativismo e o burocratismo, bem como com a política de conciliação de classe próprios dos burocratas e do Sindicalismo pelego e corporativista e prol burguês.